

Predadores da Amazônia e do Pantanal

ISRAEL KLABIN*

Foi publicado em uma revista semanal um artigo, assinado por um jornalista de renome, que é bem demonstrativo da falta de fundamentos ou de informações adequadas nas reportagens produzidas pela imprensa, que deveria ser mais responsável quanto a assuntos relacionados ao meio ambiente e ao impacto de projetos que ameaçam seriamente o futuro da nação.

O artigo é denominado "Depois da Amazônia, o Pantanal é a bola da vez – Querem proibir a hidrovia". A Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável – FBDS participou de uma equipe que estudou os impactos ecológicos, econômicos e sociais do projeto proposto. O sistema formado pelos rios Paraguai e Paraná já é uma hidrovia natural e tem sido utilizada ao longo do tempo. Ninguém é contra hidrovias. O que o grupo de peritos salientou é que o projeto proposto procura adaptar o rio às barcas existentes e indicadas como economicamente viáveis, ao invés de procurar desenvolver uma frota de barcos que pudesse navegar os rios sem modificações na morfologia da bacia hidrográfica. Os estudos demonstraram que nem sequer existem dados suficientes para se conhecer claramente os possíveis impactos do projeto proposto. Apesar disto, existem informações de que obras de engenharia (dragagem) estão em andamento, sem a autorização dos governos envolvidos. Assim, a FBDS sente-se na obrigação de declarar inexato, sem base científica e politicamente ingênuo, o artigo em questão.

Infelizmente não vi o filme sobre o Pantanal da série *The New Explorers*, que tanto indignou o ilustre jornalista e onde os cenários daquela região parece que foram tratados. Ora, considero um filme, feito com a intenção precípua de mostrar a presença científica necessária ao conhecimento e

à conservação de uma região, atentado à soberania nacional e é pelo menos uma grande baboseira. Seria o mesmo se nós, ecologistas brasileiros, fôssemos chamados a dar opinião contra a destruição de Veneza, produzida pelas flutuações do nível dos oceanos e pelo efeito dos nutrientes oriundos da produção agrícola do norte da Itália sobre a ecologia do mar Adriático. Ou, ainda, deixamos de participar da repulsa que nos provocou a aventura stanilista de utilização das águas do Mar de Aral para a produção de algodão na região entre o Cazaquistão e Uzbequistão e que provocou um dos maiores fenômenos de desertificação do planeta. Ou, ainda, a repulsa que nos move na crítica contra os canais e a modificação dos sistemas hídricos de Everglades, nos Estados Unidos, ou as comportas do Mississipi que, ao modificarem o seu curso, provocaram inundações catastróficas.

A consciência crescente no planeta com relação à necessidade de sustentabilidade de grandes projetos que alterem ecossistemas naturais levou as ciências ambientais a um desenvolvimento tal que é possível, hoje, através de modelagens, determinar com precisão o impacto ambiental daquelas regiões. Isto foi feito com relação ao projeto da hidrovia e podemos com precisão científica indicar que as consequências do mesmo seriam catastróficas em todo aquele ecossistema.

A consecução de um programa que implique a modificação do curso do rio e na dragagem do seu leito implica impacto ambiental desastroso, não apenas para o Pantanal mato-grossense como também para a parte a jusante do mesmo. O Brasil não tem nada a ganhar, muito ao contrário: um dos seus ecossistemas mais preciosos, e que hoje é uma das maiores fontes de riqueza pecuária do mundo, estará ameaçado caso a mudança de regime hidrográfico naquela região se faça sentir. As áreas inundáveis existentes ao

longo dos rios Paraguai e Paraná, especialmente no curso superior e médio, formam um sistema regulador do regime hídrico dessa bacia hidrográfica. A interação entre estes rios e seus afluentes com as áreas inundáveis forma um complexo sistema cuja hidrologia e conseqüentes aspectos ecológicos são ainda desconhecidos. O desenvolvimento e a sustentabilidade naquela região vêm sendo feitos de forma natural e a aprovação de toda a população daquele ecossistema é demonstrada por mais de 200 instituições civis envolvidas na defesa daquele patrimônio natural.

Por outro lado, é claro que existem defensores desse projeto, tais como empresas internacionais e nacionais ligadas ao fornecimento de barcas e de obras volumosas de dragagem e de retificação do rio. O interesse internacional voltado para aquela região é muitas vezes despertado por nós mesmos, conservacionistas brasileiros, que sabemos muito bem onde está o limite e a realidade do interesse nacional, em contrafação com conhecidos destruidores que, sob a falsa égide de desenvolvimento e produção de riqueza, nada mais são do que predadores do presente e ignorantes das conseqüências futuras de seus projetos.

Acho válida a aliança dos que pensam como nós, sejam brasileiros ou estrangeiros, na defesa do nosso patrimônio natural e de critérios para sua sustentabilidade. Contra nós estão brasileiros aliados a estrangeiros, que justificam a destruição do patrimônio natural e do modelo que advogamos de sustentabilidade da sua exploração, com a bandeira do lucro fácil, considerando apenas os retornos de curto prazo dos investimentos ali realizados.

*Presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável

27/5/98

9